

*“Assim Deus criou os seres humanos...
homem e mulher os criou.”*

Gênesis 1.27

ESTUDOS SOBRE GÊNERO



Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil

IGREJA EVANGÉLICA
DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL
IECLB

ESTUDOS SOBRE
GÊNERO

*“Assim Deus criou os seres humanos...
homem e mulher os criou”*

Gênesis 1.27

2013

“Assim Deus criou os seres humanos... homem e mulher os criou.” Gn 1.27

Estudos sobre Gênero

Publicação organizada pela Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Caixa Postal 2876

90001-970 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3284 5400

secretariageral@ieclb.org.br

Colaboração: Pa. Dra. Claudete Beise Ulrich, Pa. Dra. Elaine Gleci Neuenfeldt, Pa. Lusmarina Campos Garcia, Prof. Dr. Felipe Koch Buttelli, Pa. Sonja Heindrich- Jauregui, Pa. Adriane Cassen, Min. Rel. Candidata ao Ministério Beatriz Haacke, Pa. Ms. Regene Lamb, Pa. Ms. Marcia Blasi, P. Vilmar Abentroth, Profa. Dra. Débora Pedrotti Mansilla, Cat. Ms. Cláudio Becker.

Coordenação: Pa. Rosangela Stange

Diagramação e capa: P. Claudio Kupka

Revisão: Martha Maas

Revisão final: P. Dr. Mauro B. de Souza

Publicação realizada com apoio da Federação Luterana Mundial (FLM)

Esta publicação está disponível em formato “pdf” no portal www.luteranos.com.br
A reprodução parcial ou total é permitida desde que indicada a fonte.

Índice

Apresentação	5
Introdução	7
Relações de gênero	9
Equidade de gênero	13
Justiça de gênero	17
Gênero e poder	21
Linguagem inclusiva	23
Relações de gênero e leitura bíblica	25
Gênero e cotidiano comunitário na IECLB: Um desafio de todas as pessoas	27



Apresentação

*P. Dr. Nestor Friedrich
Pastor Presidente*

Os membros da IECLB engajam-se e contribuem para que esta Igreja participe ativamente na missão de Deus. Os membros são a IECLB na missão de Deus! E membros são todos e todas, homens e mulheres, crianças e adultos. Em 2012, nós celebramos os 30 anos da presença de mulheres no Ministério Ordenado em nossa Igreja. Para nós, a presença de mulheres – ordenadas e não ordenadas – nos diferentes setores e espaços de decisão foi, é e será muito importante. A história do papel das mulheres na IECLB testemunha a nossa compreensão de Igreja.

Diferente do que as Sagradas Escrituras afirmam, por diversas razões, parte da humanidade foi relegada a uma categoria inferior. Às mulheres foi impedido, por séculos, e ainda hoje, em muitas religiões e até mesmo em algumas denominações cristãs, o direito de pregar o Evangelho e de administrar os Sacramentos. Ainda que sejam as mulheres que, em termos gerais, mais participam em nossas comunidades, elas normalmente estão menos presentes nos fóruns de decisão e de poder.

Nós professamos que, através da fé em Jesus Cristo, “não existe mais diferença entre judeus e não-judeus, entre escravos e pessoas livres, entre

homens e mulheres” (Gl 3.28). Por isso, não nos é permitido silenciar diante das injustiças cometidas por causa das diferenças de gênero. E nem podemos nos dar por satisfeitos com os avanços que aconteceram, ainda que isso seja motivo de celebração e de gratidão. Somos pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus. Por meio da fé em Jesus Cristo, nos tornamos filhas e filhos de Deus. Ele nos chama para servir com nossos dons para o bem comum e o fortalecimento da novidade que o Evangelho traz ao mundo.

O material que está em suas mãos quer ser um instrumento para fomentar e aprofundar a reflexão sobre a história das mulheres na IECLB e sobre as relações entre homens e mulheres em sentido mais amplo. O conjunto de textos deste caderno não quer apresentar uma palavra final e conclusiva, mas oferecer subsídios para a reflexão continuada em relação ao tema. Assim, esta cartilha é um convite para que se estudem com carinho os textos propostos e se alcancem relações sempre mais justas entre homens e mulheres. Que o Deus da paz, que excede todo o nosso entendimento e supera nossos limites e divisões, anime e acompanhe onde este material for estudado e abençoe o fruto que resultar da reflexão.





Introdução

Pa. Rosangela Stange¹

Como uma colcha de retalhos costurada com o auxílio de várias mãos, assim surgiu este caderno de estudos. A cartilha *“Assim Deus criou os seres humanos... homem e mulher os criou: Estudos sobre Gênero”* é um subsídio para trabalhar, com mulheres, homens e jovens, temas relacionados a gênero. O objetivo principal é promover a reflexão sobre as relações entre mulheres e homens para que as mesmas se tornem cada vez mais baseadas no respeito, na justiça e na valorização das diferenças.

No primeiro ensaio, a Pa. Dra. Claudete Beise Ulrich nos auxilia a compreender o que significa “gênero” e o que esse conceito tem a ver com as nossas relações pessoais e com o nosso cotidiano. Deus nos fez mulheres e homens à sua imagem e semelhança. A ambos abençoou e deu a tarefa de cuidar e de zelar pela Sua criação. A categoria de análise de gênero nos ajuda a compreender como as diferenças biológicas se transformaram em desigualdades. O Prof. Dr. Felipe Koch Buttelli, no segundo texto, trabalha o conceito de equidade/igualdade de gênero, relacionando igualdade com justiça. As atividades para reflexão do texto nos levam a questionar e refletir se igualdade significa, necessariamente, justiça e o que, então, é necessário fazer para que a alcancemos.

A Pa. Dra. Elaine Neuenfeldt, por sua vez, aborda o tema justiça de gênero. A justiça de gê-

¹ Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias - Secretaria da Ação Comunitária.

nero concerne em promover e possibilitar a toda pessoa o acesso e ocupação de lugar nos espaços de poder. Mas, para que ela exista e, para que se possa ter relações mais igualitárias e justas, conforme o projeto original de Deus, é preciso que nos perguntemos sobre a concentração do poder nas mãos de poucos. Afirma a Pa. Ms. Marcia Blasi, no quarto ensaio, que pouco tem se falado, mas que é de suma importância que se reflita sobre o patriarcalismo: sistema e ideologia que coloca o homem acima da mulher. A dominação e a invisibilidade são tão marcantes que passam, inclusive, pela linguagem. Por isso, se queremos uma sociedade mais inclusiva, a mudança deve passar, também, por nossa linguagem. É isso o que aborda o P. Vilmar Abentroth no quinto estudo.

E o que nos dizem as Sagradas Escrituras? Não é nelas que nos baseamos para fundamentar as nossas relações? A Pa. Regene Lamb nos mostra que é preciso atentar para a forma como lemos e interpretamos os textos bíblicos e, através de exemplos, demonstra “que nenhuma interpretação de texto é neutra”. Por último, temos o testemunho da Dra. Débora Erileia Pedrotti-Mansilla que relata sobre as relações de gênero no cotidiano de uma comunidade na IECLB, trazendo o exemplo de sua família.

Desejamos uma boa leitura, um bom estudo e que Deus nos ilumine e nos inspire para ações e relações mais justas e inclusivas.





Relações de gênero

Pa. Dra. Claudete Beise Ulrich¹

Introdução

Quando falamos sobre “relações de gênero”, a respeito do quê mesmo estamos falando? Na verdade, nos referimos a uma categoria de análise, da mesma forma quando utilizamos as categorias *classe*, *raça/etnia*, *geração/idade*. Quando fazemos uso da gramática na língua portuguesa e buscamos uma palavra, perguntamos se ela é do gênero masculino ou feminino. A linguagem é uma construção sociocultural que influencia na forma como entendemos o ser homem e ser mulher. De acordo com Joana Maria Pedro:

Em português, todos os seres animados e inanimados tem gênero. Entretanto, somente alguns seres vivos têm sexo. Nem todas as espécies se reproduzem de forma sexuada; mesmo assim, as palavras que as designam, na nossa língua, lhes atribuem um gênero. E era justamente pelo fato de que as palavras na maioria das línguas tem gênero, mas não tem sexo, que os movimentos feministas e de mulheres, nos anos oitenta, passaram a usar a palavra “gênero” no lugar de “sexo”. Buscavam, desta forma, reforçar a ideia de que as diferenças que se constatavam nos comportamentos de homens e mulheres não eram dependentes do “sexo” como questão biológica, mas sim eram definidos pelo “gênero” e, portanto, ligados com a cultura.²

Definição do conceito “relações de gênero”

Esse conceito nasce a partir do movimento das mulheres em sua luta por igualdade e justiça.

1 Dra. Claudete Beise Ulrich: pós-doutorado júnior em História Contemporânea e Gênero, doutorado em teologia - Religião e Educação, bacharel em Teologia e Pedagogia. Pastora. Coordenadora de Estudo. Hamburgo – Alemanha

2 PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria de gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a0v24n1.pdf>. Acesso em 29 jun. 2008. p. 78.

É dentro desse contexto de lutas sociais que ele é gerado. Segundo os estudos das ciências humanas e sociais, o conceito de “relações de gênero” se refere à construção sócio-histórico-cultural do sexo anatômico e foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social. Isto significa, concretamente, que, na espécie humana, há machos e fêmeas, porém, a maneira de ser homem e de ser mulher é determinada pelo contexto histórico-cultural. Assim, gênero aponta para o fato de que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia dos seus corpos. Nós somos pessoas educadas para sermos mulheres ou para sermos homens, dentro de um determinado contexto ou realidade.³

Joan Wallach Scott afirma em seu texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, publicado no Brasil, em 1990, que: “O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.” Para a autora, portanto, o conceito “relações de gênero” é constituído por relações sociais e estas estão baseadas nas diferenças percebidas pelos sexos, fortalecendo relações de poder.⁴ O que motivou esta autora a teorizar sobre “gênero” foi “apontar e modificar as desigualdades entre homens e mulheres.” Ela pretendia propor uma análise sobre “como as hierarquias de gênero são construídas, legitimadas, contestadas e mantidas”⁵, vencendo, dessa

3 LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 21.

4 SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul/dez. 1990. p. 14.

5 Idem, p. 14.

forma, o determinismo biológico que afirma: assim é uma mulher e assim é um homem. O uso da categoria de análise de gênero permite que se focalize e reflita sobre as relações entre homens e mulheres, mas também sobre as relações entre homens e homens e entre mulheres e mulheres.

Entendendo o uso da categoria de análise de gênero em nosso cotidiano

Certamente, você já ouviu pais e mães dizendo para uma criança, do sexo masculino, que homem não chora. Isto tem consequências na forma de como este menino vai se tornar, no futuro, um homem. Quando trabalhei como pastora tanto no oeste de Santa Catarina, na cidade de Cunha Porã, em meio a famílias da agricultura, e também em Jaraguá do Sul, em meio a famílias operárias, percebia, especialmente, nos momentos difíceis, que os homens seguravam suas emoções, dificilmente choravam, por exemplo, no sepultamento de um familiar ou de alguém muito próximo. "Homem que é homem não chora, aguenta!" Foi o que eles ouviram desde crianças e, desta forma, também não podiam demonstrar a dor e o sofrimento. Esse tipo de educação machista é fruto de uma construção social. É isso que o conceito de gênero aponta: certas atitudes não são naturais do ser humano, mas foram construídas no decorrer dos processos históricos, fortalecendo um jeito cultural de ser.

Da mesma forma, como no exemplo do homem, também se pode apontar para as mulheres. Quando elas são mais firmes e decididas acabam, muitas vezes, sendo chamadas de mandonas, sapatonas, etc... Também isto é construção de um modelo cultural: sempre foi ensinado que as mulheres são emotivas e precisam cuidar da casa e da família. A ideia de "inferioridade" feminina foi e é socialmente construída pelos próprios homens e pelas próprias mulheres ao longo da história. Muitas vezes, elas também não são solidárias com outras mulheres, especialmente quando estas estão em cargos de chefia. Frequentemente, inclusive, no atuar da mulher no cargo de chefia, repete-se um modelo masculino de atuação, no qual a solidariedade e o cuidado com a outra pessoa, como ser humano, não têm lugar.

O conceito de gênero é uma ferramenta de análise importante para buscarmos relações mais justas e solidárias em nossas famílias, comunidades cristãs e sociedade. Existem diferenças, sim entre nós, seres humanos, mas elas precisam ser respeitadas e cada pessoa deve ser encorajada a vivenciar a humanidade em sua completude. Como afirma Paulo Freire: nós somos seres inacabados. Estamos sempre em processo. Fico feliz quando percebo que também um novo homem vem surgindo entre nós, mais sensível, que reparte as tarefas da casa, que brinca e cuida das crianças, que não tem medo de mostrar as suas emoções.

Proposta de estudo¹

Material necessário:

Objetos diversos de uso comum das pessoas, tanto de referência masculina quanto feminina (domésticos, de higiene pessoal, ambiente de trabalho, jogos...); caixa de papelão ou outro recipiente para depositar os objetos.

Dinâmica:

1. Reunir, em uma caixa, diversos objetos de uso comum das pessoas (objetos pensados culturalmente para utilização de homens e mulheres). No início do estudo, esta caixa deve ser colocada no centro do local onde o grupo estiver reunido, podendo estar coberta ou não.
2. Solicitar às pessoas que escolham um dos objetos da caixa e reflitam sobre sua utilidade.
3. Passados alguns minutos, cada pessoa é convidada a colocar o objeto em um local previamente identificado, com um M, para masculino, ou F, para feminino.

(até este momento sugere-se que a atividade seja feita sem trocas de informações entre os e as parti-

¹ Proposta elaborada pelo Catequista Ms. Claudio Giovanni Becker: mestrado em Teologia - Educação Comunitária com Infância e Juventude, licenciatura em Letras - Português e Literatura, bacharel em Teologia/Educação Cristã. Professor. São Leopoldo/RS.



cipantes, num exercício pessoal e silencioso, de introspecção).

4. Após a colocação dos objetos nos polos M e F, convida-se o grupo para partilhar:

- Qual é a utilidade do objeto?
- Quem, costumeiramente ou culturalmente, o utiliza?
- Por que a opção do polo M ou F?

5. A pessoa que coordena a atividade apresenta a palavra 'IDENTIDADE: nos constituímos conforme o contexto cultural em que vivemos', comentando que damos utilidade aos objetos não só por sua utilidade em si, mas também por aquilo que aprendemos em nossa sociedade como sendo de uso M ou F, como consequência da cultura apreendida em nosso dia a dia.

6. Para encerrar, pergunta-se ao grupo se alguém tem o desejo de trocar seu objeto de polo e se há a necessidade de criar um polo de uso comum dos objetos utilizados por mulheres e homens. Cada troca, preferencialmente, deve ser justificada.

* É importante deixar as pessoas expressarem suas impressões acerca dos objetos e de sua utilização... Reservar alguns minutos para a partilha sobre como a definição das "utilidades dos objetos" foi aprendida ao longo da vida, bem como de que maneira isso se refletiu na constituição do ser masculino e feminino de cada pessoa.





Equidade de gênero

Prof. Dr. Felipe Koch Buttelli¹

Justiça e igualdade são duas realidades que estão intimamente ligadas. Ambas se relacionam, de modo que onde há igualdade, há justiça. Um exemplo bastante claro disso é a imagem da deusa romana chamada *Iustitia*. Dizem que ela é a equivalente romana da deusa grega *Diké*. A diferença mais clara entre as duas é que a deusa *Iustitia* usa uma venda nos olhos que não lhe permite enxergar para quem a justiça está sendo feita. De acordo com a mitologia, ela só dá o seu veredito quando a balança se encontra perfeitamente equilibrada. Essa imagem que vem da mitologia romana e que está presente na nossa compreensão de direito no contexto ocidental, mostra-nos duas coisas interessantes: a primeira é que a justiça só é feita quando há equilíbrio, ou seja, igualdade na balança. A segunda é que a deusa mitológica mantém sempre seus olhos vendados, não querendo saber para quem está fazendo justiça, seja para pessoa rica ou pobre, negra ou branca, homem ou mulher. A justiça tem por princípio a igualdade.

Igualdade sempre foi um conceito caro para a fé cristã. Mais do que uma concepção, ela fez parte do ministério de Jesus e de seus discípulos e de suas discípulas. Isto é algo realmente digno de menção, uma vez que o contexto judaico no qual Jesus e os discípulos e as discípulas viviam era fortemente patriarcal e os espaços e funções que cabiam a mulheres e homens eram diferenciados. Jesus teve, nesse sentido, uma postura bastante revolucionária para sua época. O Evangelho de Marcos 15.40-41, por exemplo, menciona que diversas mulheres “acompanhavam e serviam” a Jesus em seu ministério, bem como homens o faziam. Em Lucas 8.1-3 lemos a maneira como

mulheres acompanhavam Jesus e os “doze”, prestando “assistência com seus bens”, ou seja, muitas mulheres financiavam e auxiliavam no ministério de Jesus. Em João 8.1-11, onde é narrada a história da mulher pega em adultério, Jesus a protege. O critério adotado por Ele preza pela igualdade de todos os seres humanos diante de Deus e não pela desigualdade de um sistema legal patriarcal: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire a primeira pedra”. O critério da igualdade também é recordado pelo apóstolo Paulo na carta aos Gálatas 3.28: “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem e mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”. A igualdade enquanto modo de vida cristã, relacionada a todos os aspectos da vida em comunidade, é mencionada nos Atos dos Apóstolos 2.44: “Todas as pessoas que creram estavam juntas e tinham tudo em comum”. Isso nos leva a identificar que tanto a prática de Jesus quanto a vida de discípulas e discípulos apontam para um senso de justiça nas relações entre as pessoas, nas quais a igualdade é critério fundamental e determinante.

Na sociedade ocidental, o exercício de relações igualitárias sempre esteve em risco e ameaçado por guerras, absolutismos e imperialismos que estabeleciam regimes de superioridade entre seres humanos. Neste percurso histórico, houve a construção de modelos específicos de família e de padrões de relacionamentos entre mulheres e homens. As mulheres acabaram sendo enclausuradas em papéis específicos que não lhes permitiam exercer certas tarefas na sociedade, bem como fazer-se presente em alguns espaços públicos. Houve uma progressiva dicotomização entre homem e mulher, isto é, esta estava destinada unicamente ao espaço doméstico, à função

¹ Dr. Felipe Koch Buttelli: doutorado em Teologia Sistemática, mestrado em Teologia Prática, bacharel em Teologia. Professor. São José/SC.

de cuidado da família e a algumas profissões que eram consideradas femininas.

Precisamos ser auto-críticos e reconhecer que a Igreja contribuiu e ainda contribui profundamente para a construção desses papéis de gênero. Através de uma linguagem que sempre priorizou uma visão masculina de Deus, a Igreja acabou divinizando a ordem patriarcal, isto é, criando a ideia de que Deus é apenas pai, em uma sociedade que toma a figura paterna como central para a organização social. É necessária a diversificação das metáforas e uma linguagem que considere outras características de Deus, para desconstruirmos um argumento religioso que sustente o patriarcado. A Igreja também fez uso da liturgia e da interpretação bíblica, principalmente no espaço do culto, para simbolicamente assegurar que a ordem social androcêntrica se perpetuasse. Isso ocorreu através da divisão dos espaços na comunidade e das tarefas que homens e mulheres executam, por exemplo. Outro modo de sustentar uma sociedade androcêntrica é o uso da autoridade ministerial, como prioritariamente masculina. Na IECLB, já se ordena mulheres há 30 anos, mas ainda há resistência a ministras mulheres em alguns contextos, justamente por não se conceber que o poder simbólico atribuído ao ministério, sobretudo pastoral, possa ser estendido às mulheres. As comunidades cristãs, de modo geral, também compactuam com algumas posturas que existem na sociedade como um todo e acabam instigando a reprodução de padrões de comportamento específicos. A mulher que fosse diferente, solteira ou divorciada, por exemplo, e que não correspondesse ao perfil que sobre ela era projetado, de esposa e mãe, sofria preconceito, era considerada desviada.

Desde a Revolução Francesa em 1789, que tinha por lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” há um intenso trabalho de construção de igualdade de gênero. Neste processo, homens e mulheres questionaram várias ideias correntes e precisaram desconstruir uma falsa noção de superioridade masculina. Para se alcançar uma sociedade mais igualitária, também no que diz respeito a relações de gênero, era necessário assegurar a dignidade de cada pessoa, com seu valor intrínseco, que é inquestionável. Deste esforço surgiu a Declaração Universal dos Direitos Huma-

nos. De modo semelhante ao texto de Gálatas, ela reconhece, no 2º artigo, que “Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.” Ou seja, mulheres e homens têm o direito de não serem tratados de modo desigual. Esses direitos humanos, promulgados pela Organização das Nações Unidas em 1948, dos quais o Brasil é signatário, foram cristalizados também na nossa Constituição Federal. A chamada Constituição Cidadã de 1988 reconhece, no artigo 5º, Inciso I, que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”.

Podemos, então, perguntar-nos: se a igualdade de gênero é tão amplamente reconhecida, por que precisamos continuar falando sobre isso ainda hoje? Historicamente, mulheres têm, no Brasil, maior índice de desemprego do que homens, sobretudo as mulheres negras. Ou seja, gênero e etnia sempre se entrecruzaram na construção da desigualdade brasileira. As mulheres há tempos recebem menor salário do que homens para as mesmas funções e também permanecem mais na informalidade, sendo as negras mais vulneráveis ainda. As desigualdades, no entanto, não existem apenas no mercado de trabalho e na renda: quanto à representatividade política, mulheres ainda são minoria, mesmo que esta situação esteja mudando. A equidade representativa também é desafio para a IECLB. Para sermos uma igreja mais igualitária, precisamos promover sempre mais o acesso de mulheres a posições de poder.

A igualdade de gênero é, portanto, fundamental para a efetivação de uma sociedade justa. Não se trata somente de concebermos a igualdade como um princípio ou de a compreendermos como um aspecto central para a nossa ordenação social, uma vez que está assegurada na nossa Constituição; trata-se de reconhecermos a igualdade como vocação cristã, convite de Deus, prática de Jesus e modo de vida da comunidade primitiva. Construir a igualdade e justiça de gênero é o nosso compromisso evangélico no mundo e a missão a que Deus nos chama.



Proposta de estudo¹

Após a devida introdução ao assunto feita através da leitura, tempestade de ideias e explicação do texto, sugere-se dividir o grupo em grupos menores para, a partir do texto lido, refletirem sobre as seguintes questões:

Grupo 1: Igualdade e justiça

- O que entendemos por igualdade e por justiça?
- Qual a relação entre elas?
- Pessoas diferentes necessitam todas da mesma coisa?
- Justiça significa tratar todas as pessoas da mesma forma?
- Onde deve haver igualdade para que haja justiça?

Grupo 2: Relação de gênero na sociedade

- Existe um padrão de comportamento masculino ou feminino?
- Em seu contexto social, homens e mulheres têm as mesmas oportunidades? Sim ou não? Por quê?
- No mercado de trabalho, quais cargos/profissões as mulheres ocupam e quais cargos/profissões os homens ocupam?
- Há igualdade nos salários?

Grupo 3: Relação de gênero na família

- Qual o papel da mulher e do homem em nossas casas?
- Como o marido trata a esposa? Como a esposa trata o marido?
- Que exemplo pais e mães dão a suas filhas e aos seus filhos sobre a relação entre marido e mulher?
- De que forma reforçamos padrões de masculinidade e feminilidade na família? Como poderíamos promover questionamentos e mudanças de conceitos e pré-conceitos?

Grupo 4: Relação de gênero em nossa comunidade

- Há equilíbrio de gênero no desempenho de funções e tarefas em nossa comunidade?
- Homens e mulheres estão igualmente engajados e engajadas nas mais diversas atividades da vida comunitária?
- Quem são as lideranças de nossa comunidade?
- Quem participa da assembleia da comunidade? O homem, a mulher ou o casal? Por quê?

¹ Proposta elaborada por:

Adriane Lorenz Cassen: bacharel em Teologia. Pastora. Ijuí/RS.

Beatriz Regina Haacke: bacharel em Teologia. Candidata ao Ministério Pastoral. Carazinho/RS.

Sonja Hendrich Jauregui: bacharel em Teologia. Pastora. Carazinho/RS



Justiça de gênero

Pa. Dra. Elaine Neuenfeldt¹

Gênero é um tema transversal de análise nas intervenções sociais que ajuda a entender porque diferenças se tornam desigualdades. A transversalidade de gênero é instrumental de análise que tem como fim último a movimentação para que as desigualdades não sejam naturalizadas e perpetuadas, mas que relações baseadas na equidade e justiça sejam experimentadas.

Em perspectiva teológica, o conceito de justiça de gênero abraça as diferentes experiências que buscam a equidade, igualdade ou equiparação entre homens e mulheres.

Justiça de gênero é a proteção e a promoção da dignidade e o florescimento de todo ser humano com atenção a sistemas ambíguos e excludentes que, por um lado, dão privilégio a determinados grupos ou pessoas e que, por outro, excluem e oprimem outros; privilégio e opressão que são baseados em identidades culturais construídas e em expectativas de ser homem ou mulher, tanto em níveis estruturais como nas relações interpessoais.¹

No âmbito da fé, o ser humano é moldado como imagem de Deus e foi criado para experimentar a comunhão inclusiva, a justiça e o amor entre si e com toda a criação. Portanto, não experimentar essa comunhão entre iguais e viver na desigualdade é não responder ao chamado ou mandato de ser imagem e semelhança de Deus. A hierarquização, o poder centralizado e androcêntrico, patriarcal, produtor de opressão e de desigualdades são a quebra da imagem e semelhança.

Nessa mesma perspectiva, proclamar o silêncio e a subordinação das mulheres, baseado

¹ Baseado nas reflexões feitas no processo de elaboração de uma política de gênero da Federação Luterana Mundial.

numa interpretação da palavra de Deus, é uma versão unilateral e excludente. Portanto, não é uma palavra de justiça, pelo contrário, é colocar a inequidade no nível do sagrado.

A Igreja, ao continuar nos moldes de uma instituição marcadamente hierárquica, masculina, tende a perpetuar a desigualdade, gerando injustiças. A rigidez de modelos culturais determina papéis de gênero para mulheres e homens, que limitam o acesso ao poder e as posiciona em lugares desprivilegiados socialmente, especialmente fora dos espaços de liderança e de tomadas de decisões. Este desprivilegio é igualmente percebido nos campos sociais, políticos e econômicos.

Uma imagem que ajuda a entender essa noção de justiça nos lugares e posições ocupados por homens e mulheres, nas redes de relações, é a mesa. Sentar-se à mesa, servir à mesa, mesa posta, partilha, são algumas imagens que evocam esse simbolismo cristão em torno da eucaristia.

Usando o referencial da justiça de gênero, perguntar-se-ia, criticamente, em relação a esta imagem: pelo lugar que mulheres ocupam nesta mesa, pelo formato da mesa e acessibilidade ao que está posto sobre ela, se a mesa é justa, se a mesa é aberta, se o pão disposto serve para o acúmulo e a alimentação de umas poucas pessoas ou se é partilhado, posto em comum.

A imagem da mesa faz uma conexão entre partilhar o pão e a comida e partilhar ou acumular o poder. Partilhar ou acumular pão, comida é um definidor de relações sociais. A palavra com-partilhar tem, em sua raiz latina, essa noção de companhia - *com-pão*. Tornamo-nos pessoas aliadas e parceiras com quem partilhamos o pão,

com quem sentamos à mesa, com quem entrelaçamos relações, sejam elas decididas ou impostas.

A exclusão da mesa, como espaço simbólico do poder partilhado, para as mulheres, tem como consequência a restrição do exercício de autonomia. Mulheres não são consideradas sujeitos de direitos, autônomas, mas recebem direitos pela função social que ocupam, especialmente no exercício da maternidade. Mulheres são consideradas, enquanto mantenedoras dos espaços familiares, mães e esposas. Lugar paradoxal, que as confere certo tipo de poder, mas que ao mesmo tempo é, muitas vezes, espaço de violência e limitação.

Esta confusão entre a mulher como sujeito autônomo de direito em si e seus papéis como mãe e cuidadora na família ou como esposa, irmã, viúva, grávida, tem consequência direta no tipo de políticas públicas ou organizacionais, ou nos projetos de desenvolvimento que serão implementados. Estes dificilmente tocarão direitos individuais de mulheres, como os direitos sexuais e reprodutivos, por exemplo, mas serão desenhados para os papéis de maternidade, de cuidado na família, de nutridora nos grupos sociais, enquadrando-as em espaços e imagens bem delimitados dentro de estruturas patriarcais, perpetuando a exclusão e a subordinação.

Por isso, a justiça de gênero é a busca da cidadania plena de mulheres, como sujeitos de direitos, autônomas, não só no âmbito político, social, econômico, mas também nos espaços eclesiais, religiosos, teológicos.

A cartografia desenhada pelas relações jus-

tas entre os gêneros é plural, é diversa e afirma a biodiversidade como valor fundamental na construção do conhecimento que permeia as relações sociais.

A justiça de gênero é o principal foco no processo de transversalizar e implementar a igualdade de gênero. Esse é um instrumental teológico que desvela importantes desafios no contexto das igrejas, além de permitir que os mecanismos e o acesso ou a exclusão dos espaços de poder, manifestos em estruturas hierárquicas e centralizadas, sejam problematizados a partir de uma perspectiva bíblica-teológica.²

É importante reforçar que o tema da justiça de gênero não seja entendido como um “assunto de mulheres”, mas que seja uma questão central de reflexão e debate nas igrejas, de concepção *de* e *do que* define ser igreja, enfim, um conceito eclesiológico.

Outro aspecto importante, mais do que refletir e debater, é criar plataformas que permitam ações concretas, com planos de implementação definidos. A justiça de gênero deve desembocar em políticas de gênero que são as diretrizes institucionais e os marcos regulatórios de uma organização que definem a intencionalidade orgânica de praticar a inclusão de homens e mulheres de forma igualitária e justa. Em termos teológicos e pastorais, a justiça de gênero vai desembocar em ações concretas no âmbito das igrejas que mostram a perspectiva eclesiológica de inclusão e de seguimento ao Evangelho.

² Mais sobre gênero e poder, veja o documento: Gender and Power document: “It will not be so among you! A faith reflection on Gender and Power”: (disponível também em espanhol) http://www.lutheranworld.org/lwf/wp-content/uploads/2010/07/DMD-Gender_Power-EN.pdf

Proposta de estudo¹

Após a devida introdução ao assunto feita através da leitura, tempestade de ideias e explicação do texto, sugere-se dividir o grupo em grupos menores para, a partir do texto lido, refletirem sobre as seguintes questões:

1. Por que mulheres parecem sentir-se mais confortáveis no espaço da cozinha e nos bastidores das reuniões do que ao redor da mesa onde as decisões importantes são tomadas?
2. Por que os homens são a maioria nas funções de liderança na estrutura da Igreja?
3. Por que mulheres não querem ou não se sentem motivadas a concorrer a cargos de liderança?
4. Por que existe um grande número de Paróquias que nunca elegeu uma ministra ordenada?

¹ Proposta elaborada pela Pa. Lusmarina Campos Garcia: bacharel em Teologia, Direito e Ciências Sociais. Pastora. Rio de Janeiro/RJ.



5. Por que mulheres e meninas guardam silêncio frente a abusos sexuais, morais ou profissionais, dentro ou fora do âmbito da Igreja?
6. Como são as relações baseadas na equidade e na justiça?





Gênero e poder

Pa. Ms. Marcia Blasi¹

A maneira pela qual, hoje, nos entendemos como homens e mulheres é uma construção social que aconteceu durante centenas de anos. Para melhor compreender a relação existente entre gênero e poder, precisamos conhecer um conceito que é muito utilizado nas reflexões em torno deste assunto: o patriarcalismo.

Em breves palavras, patriarcalismo é uma ideologia e um sistema coletivo que, em uma escala de importância e prioridade, coloca o homem (ser humano do sexo masculino) acima da mulher (ser humano do sexo feminino).

Trata-se, portanto, de uma ideologia na qual o homem é a maior autoridade, devendo as pessoas que não são identificadas fisicamente com ele (isto é, que não sejam também adultos do sexo masculino) serem subordinadas, prestando-lhe obediência. Isso faz com que as relações entre as pessoas (seja em uma família ou uma comunidade) sejam desiguais e hierarquizadas. Sendo o patriarca quem decide e estimula essas desigualdades, de forma a manter o poder, ele se torna a mais alta autoridade do lugar, a pessoa mais importante, impondo suas concepções que justificam a manutenção tanto de seu status superior quanto do status inferior de seus subordinados.²

Por séculos, esta ideologia ditou as regras no mundo, desde os relacionamentos entre homens e mulheres até os grandes tratados entre os povos. O pensamento patriarcal não se reflete somente nas relações entre homens e mulheres, mas sobre toda forma de a sociedade se organizar e sobre toda história. A ideia de um líder centralizador, que comanda tudo e decide o que

bem quer, é fruto desse pensamento.

Atualmente, se fala pouco em patriarcalismo. Na sociedade brasileira, as leis que dizem respeito aos deveres e direitos de homens, mulheres e crianças, já deram um grande passo na construção de uma justiça de gênero. Isso não quer dizer que o sistema patriarcal seja algo do passado. O patriarcalismo se encontra em nossa sociedade de muitas maneiras, geralmente oculto, silencioso, emaranhado e mascarado no jeito em que vivemos e construímos as nossas relações, no jeito como vemos outras pessoas e a nós mesmos, nos salários diferentes pagos para homens e mulheres, nas pessoas escolhidas para liderar nossas instituições e organizações, no que entendemos ser o jeito “natural” de ser homem ou mulher.

O patriarcalismo moldou todas e todos nós. Por exemplo, crescemos pensando que homens são fortes, pouco emotivos e racionais; da mesma forma, acreditamos que mulheres são fracas, emotivas e sentimentais. Na verdade, tanto homens quanto mulheres podem possuir qualquer uma dessas características, dependendo da maneira como receberam estímulos ou foram reprimidas. Isto é uma questão de gênero e de poder.

Gênero, como categoria de análise social, refere-se a construções sociais, culturais e teológicas usadas para definir o que é ser homem e o que é ser mulher em um dado contexto, determinando o que é valorizado, esperado e permitido para homens e o que é valorizado, esperado e permitido para mulheres.

O substantivo poder, de acordo com o dicionário Aurélio, significa: possibilidade, faculdade. Força física, vigor do corpo ou da alma. Império, soberania. Mando, autoridade. Força ou influên-

¹ Ms. Marcia Blasi: mestrado em Aconselhamento Pastoral, bacharel em Teologia. Pastora. Professora. São Leopoldo/RS.
² <http://pt.wikipedia.org/wiki/Patriarcalismo>. Acessado em 12/12/12.

cia. Posse, jurisdição, domínio, faculdade, atribuição. Governo de um Estado. Importância, consideração. Grande quantidade, abundância. Força militar. Eficácia, efeito, virtude. Capacidade de fazer uma coisa. Mandato, procuração. Meios, recursos.³

Poder em si não é algo ruim. Todas e todos nós temos algum poder, mas algumas pessoas escolhem usar seu poder sobre as outras, diminuindo a fatia de poder e a capacidade que elas têm de exercê-lo, o que deveria ser-lhes garantido. Algumas pessoas, por causa da sua biologia, foram consideradas seres superiores e, por isso, com mais poder do que as outras. Outras pessoas confundem o poder que lhes é concedido para liderar com o poder de oprimir.

Observa-se, no mundo atual, uma carência de modelos de poder que sejam inclusivos e transformadores. Há muita resistência em criar novos modelos de liderança e exercício de poder, modelos que levem em consideração a participação igual de homens e mulheres, que respeitem suas vozes com a mesma intencionalidade; modelos de poder baseados no discipulado de iguais, da mesa redonda do diálogo. As mulheres estão aprendendo a reivindicar seu espaço e isso causa insegurança nos homens, pois eles se sentem deslocados, não sabem como ser, agir, nem para onde ir. O processo de empoderamento das mulheres é longo, com avanços e retrocessos,

3 <http://webdicionario.com/poder>. Acessado em 05/12/12.

com corridas e paradas, mas é, sem dúvida, uma necessidade absoluta na construção de justiça de gênero na família, na igreja, na sociedade e no mundo. Como diz Izabel Allende, “Eu quero um mundo bom, não melhor.” Queremos trabalhar em conjunto na construção deste novo mundo. É tempo de transformar corações, mentes, mãos, pés, estruturas, instituições, sociedades.

Deus compartilhou poder com Jesus Cristo, que encarnou e exemplificou o correto uso de poder e autoridade. Jesus tinha autoridade na terra para perdoar todos os pecados, curar todas as enfermidades e expulsar demônios. Jesus compartilhou livremente esse poder com os discípulos... Capacitar as pessoas, compartilhar o poder com elas e delegar responsabilidades é uma parte essencial da administração do poder.⁴

Criar novas maneiras de nos relacionarmos como seres humanos, elaborar novos jeitos criativos e compartilhados de exercer poder e autoridade não são questões impossíveis. Deus nos dá pistas a seguir; Jesus nos ensinou possíveis caminhos e o Espírito Santo continua agindo entre nós, movendo-nos de um lado para outro, fazendo arder nosso coração; fazendo nossos sonhos de justiça, solidariedade e amor se tornarem realidade. Como igreja, muitos passos já foram dados, mas ainda há muito para ser construído em conjunto.

4 “No será así entre ustedes!” (Mc 10.43) Una Reflexión en la Fe sobre el Género y el Poder. Federación Luterana Mundial. Ginebra. Tradução própria.

Para refletir e conversar:

“Assim Deus criou os seres humanos; criou-os parecidos com Deus. Deus os criou homem e mulher... E Deus viu que tudo o que havia feito era muito bom”. Gn 1.27, 31

“Mas entre vocês não pode ser assim. Ao contrário, quem quiser ser importante, que sirva as outras pessoas”. Mc 10.43

1. De que maneira lemos e interpretamos os textos acima? Nós nos reconhecemos como pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus?
2. Como interpretamos o servir? Culturalmente, o serviço sempre ficou destinado às mulheres enquanto que a liderança era exercida pelos homens. Será que esta divisão de tarefas deve acontecer segundo o gênero ou segundo as habilidades, dons e capacidades? Como é a experiência em nossas comunidades?
3. Quais foram os seus modelos de liderança e poder?
4. Quem é hoje uma inspiração na construção de um modelo de poder transformador e compartilhado?
5. Como podemos criar, em conjunto, novas maneiras de nos relacionarmos como homens e mulheres?



Linguagem inclusiva

P. Vilmar Abentroth¹

“Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós.” (2 Coríntios 4.7)

Para início de conversa!

Qual a contribuição que a Igreja Cristã pode oferecer, numa perspectiva de inclusão, através da linguagem? Podemos nós, pessoas seguidoras de Jesus, sermos protagonistas em justiça e valorizar as diferentes pessoas, a partir da forma como nos referimos a elas? Como perceber que segregamos através da forma como falamos? Estas são apenas algumas perguntas que podem estar diante de nós e oportunizar relevante reflexão.

A linguagem, mais do que comunicar ideias, reflete e expressa a maneira como compreendemos o mundo. Ela revela conceitos, valores, normas, preconceitos, estigmas e sujeições. Façam o seguinte teste:

- a) Digam o que entendem por **HOMEM PÚBLICO** e **MULHER PÚBLICA**?
(Ele é aquele que intervém publicamente nos negócios políticos. Já ela recebe um significado pejorativo e preconceituoso)
- b) O que é um **GOVERNANTE**? E uma **GOVERNANTA**?
(Ele é o que dirige o país. Ela administra uma casa que não é sua)

Por que mudar? Sempre foi assim! O principal argumento vem da língua portuguesa: o universal se expressa com o uso dos substantivos masculinos. As mulheres estão incluídas na expressão masculina.

Estudiosos, estudiosas e analistas confirmam

¹ Vilmar Abentroth: bacharel em Teologia. Pastor. Santa Cruz do Sul/RS.

que, recentemente, a humanidade passou por muitas e rápidas transformações como em nenhum momento histórico semelhante. Mudanças de conceitos, de paradigmas, de valores, de sonhos e de perspectivas. Acentuadas mudanças envolvem o todo do nosso ser, nossos relacionamentos, nossas atitudes, nossas palavras, nosso discernimento nas escolhas e decisões. Através da linguagem construímos todo um imaginário de mundo e de história com o qual nos identificamos e damos sentido à nossa vida.

Com certeza nós teríamos muita dificuldade, hoje, se entrássemos numa loja e pedíssemos: um foque (lanterna), um diadema (tiara), uma camisa volta ao mundo, uma brim-coringa (calça jeans), uma conga (tênis). Sim! Soaria ultrapassada, gente de outro tempo! Hoje, falar em shopping, pet shop, MSN, torpedo, brechó, cartão de crédito, soa comum, linguagem assimilada. Mas como é difícil mudar quando se trata de relações de gênero.

Por que linguagem inclusiva? Por duas razões fundamentais:

- 1) Pela visibilidade das mulheres que estão assumindo muitos postos e carreiras nunca imagináveis, não por concessão, mas por conquista, mérito, dedicação e manifestação de habilidades antes suprimidas.
- 2) Para que haja uma simetria (igualdade) nas representações dos sexos presentes na nossa fala e em nossa sociedade.

Três exemplos:

- 1) Fechem os olhos e imaginem esta cena: “Na assembleia da Comunidade, os homens reunidos decidiram por restaurar o prédio da igreja que estava precário”. Quem decidiu? No seu imaginário, você conseguiu visualizar a presença das mulhe-

res?

2) Num encontro sinodal, com quase mil mulheres, na entrada do salão, uma faixa saúda: "Sejam todos Bem-vindos!" Se estivesse escrito: "Sejam todas Bem-vindas!", os motoristas, maridos acompanhantes e pastores presentes iriam se sentir saudados? Por que o inverso é possível?

3) Um comunicado muito comum de nossas escolas: "Reunião de pais..." Quem geralmente participa das reuniões da escola? Sabemos nós que, em sua grande maioria, quem participa destas reuniões são as mães. Interessante é que, quem envia o bilhete, geralmente são professoras. Certa vez questionei e uma me disse: "Mas o correto é falar no masculino!"

Muitas vezes, quando questionamos o uso de formulações que não contemplam a inclusão, o argumento de defesa é: não há necessidade de citar tudo, as mulheres se incluem. De fato, é possível perceber que a linguagem não é apenas uma forma de comunicação, pois ela é uma expressão cultural da sociedade, que deixa transparecer os inúmeros preconceitos e quem nela tem o poder. Esse tipo de comportamento ajuda a perpetuar posições hierárquicas desiguais entre homens e mulheres, pois dá visibilidade ao masculino, ficando as mulheres invisibilizadas e colocadas em situação inferior de representação. Por isso, precisamos perguntar: é o Homem a universalidade da criação de Deus? Ele é o ápice, o "cabeça", no qual todas as demais coisas devem se incluir? Neste contexto, é importante lembrarmos o relato em Gênesis 1.27: "Assim Deus criou os seres humanos; ele os criou parecidos com Deus. Ele os criou homem e mulher." A expressão "os criou homem e mulher" é abrangente. Ela amplia e dá significado nominal ao feminino e ao masculino. Outro exemplo de uma narrativa que contempla os diferentes está em Mateus 14.21: "e os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças."

Por que temos tanta dificuldade em utilizar palavras e formulações inclusivas?

Se conseguirmos responder a esta pergunta, vamos começar a nos libertar de uma prática discriminatória. Podemos usar expressões como: pessoas, humanidade, ser humano, povo e gente quando queremos nos referir a homens, mulheres, jovens, pessoas idosas e crianças. Como é bonito, como soa bem aos ouvidos quando alguém saúda e acolhe especificando e contemplando o gênero masculino e feminino. É uma questão de respeito à representatividade das pessoas presentes, de complementaridade. Não deixa de ser uma tentativa de buscar relações mais horizontais e harmoniosas entre homens e mulheres.

A linguagem representa a realidade criada pela sociedade. A iniciativa de incluir mulheres nas referências orais e escritas busca gerar uma mudança de mentalidade. As mulheres só estarão realmente incluídas na sociedade quando aprendermos a evidenciá-las também em nossa linguagem! Isto é tão importante que a recomendação nº 42, de 8 de agosto de 2012, do Poder Judiciário brasileiro, resolveu recomendar a todos os tribunais que, na menção aos cargos deste poder, observe-se o gênero e seu ocupante e que, em atos oficiais, documentos de identificação pessoal e públicas seja respeitada a linguagem inclusiva de gênero.

Sabemos que não é fácil utilizar a linguagem inclusiva em nosso dia a dia, mas, também, ninguém nos disse que mudar o mundo seria uma tarefa simples! O importante é estarmos cientes do que as palavras representam na nossa comunicação e na construção de uma realidade social na qual o masculino não seja universal e nem superior a ninguém.

Em 2 Coríntios 5.17, lemos: "E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as cousas antigas já passaram: eis que se fizeram novas."



Relações de gênero e leitura bíblica

Pa. Ms. Regene Lamb¹

*“Criou Deus, pois, o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; **homem e mulher os criou.**” Gênesis 1.27*

Se a linguagem tem algum significado, nós temos neste versículo a clara declaração da existência do elemento feminino na divindade, igual em poder e glória ao masculino. O Pai e Mãe Celestial! “Deus criou os seres humanos à sua própria imagem, homens e mulheres” (A Bíblia da Mulher, 1898).

A autora desta frase é a escritora americana Elizabeth Cady Stanton. Ela nasceu em 1815 e faleceu em 1902. Inicialmente, ela questionou os argumentos bíblicos usados para legitimar a escravidão. Após a abolição da mesma, em 1863, ela reuniu um grupo de mulheres para ler a Bíblia e interpretar as passagens relacionadas às mulheres. Pois, segundo ela: “Quando as mulheres entenderem que os governos e as religiões são invenções humanas, que bíblias, livros de oração, catequeses e encíclicas são emanações do cérebro do homem, elas deixarão de ser oprimidas pelas imposições que lhes chegam com a autoridade divina do ‘Assim diz o Senhor’”.²

Podemos até não concordar com a radicalidade da afirmação de que governos e religiões são invenções humanas, porém, verdade é que todas as formas de organização social, divisão de tarefas entre mulheres e homens, jovens, crianças e pessoas adultas são resultado das escolhas e formas de viver adotadas pelas pessoas. Assim, as religiões vêm sempre intermediadas por pes-

soas humanas que vivem em determinada sociedade e que só conseguem se expressar usando as linguagens, os exemplos compreensíveis pelas pessoas ao seu redor.

Por isso, quando falamos de relações de gênero e leitura bíblica, é necessário aceitar que tanto no processo de redação e tradução da Bíblia, quanto na nossa leitura e interpretação, estão reproduzidos determinados jeitos de imaginar a relação entre mulheres e homens, bem como a relação com a natureza e das diversas gerações entre si. Esse jeito exerce influência até sobre a maneira como se percebe e se fala sobre a manifestação divina.

Lembremos o longo caminho que as palavras percorrem até chegar a nós: ele inicia com a experiência fundante, aquela da qual se fala, até a versão escrita com a qual nós estamos lidando. Muitas são as pessoas envolvidas. Todas certamente se empenham para que tudo seja transmitido da maneira mais correta possível, porém, cada ser envolvido é limitado pelas próprias experiências, inclusive nós hoje. No caso da Bíblia, lidamos com traduções e versões de textos: traduções do hebraico, do grego, do aramaico para o português ou, muitas vezes, até do latim para o português. Versões nas diferentes linguagens, por exemplo: Almeida Revista e Corrigida, Revista e atualizada, Linguagem de Hoje e Nova Tradução na Linguagem de Hoje. O objetivo destas versões é tornar as palavras boas notícias, Evangelho, mais compreensíveis em cada época. A grande maioria das pessoas costuma dizer: o mais importante é tornar as palavras mais compreensíveis, tornar a mensagem mais clara, o significado deverá permanecer o mesmo.

Para as relações de gênero, porém, as pala-

1 Ms. Regene Lamb: mestrado Profissionalizante em Teologia- Educação Comunitária com Infância e Juventude, bacharel em Teologia. Pastora. Santa Cruz do Sul/RS.

Bibliografia:

Lopes, Mercedes. Gênero e Leitura Bíblica. <http://teologiaon-line.blogspot.com.br/2012/04/genero-e-leitura-biblica.html> (acesso em 30 de outubro de 2012)

bras escolhidas, na maioria dos casos, fazem grande diferença e a eleição delas já se torna parte da mensagem. Quando se fala da participação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs, temos alguns exemplos: existem textos que conseguiram sobreviver às redações preconceituosas, de exclusão das mulheres, mas foram deturpados pelos copistas e tradutores. Ao fazer as cópias, aqueles que tinham o modelo de sociedade caracterizado pelo domínio do homem, eliminaram nomes e artigos femininos. Por exemplo, em Cl 4.15 encontramos uma saudação a Nínia à igreja que se reúne na casa dele. No entanto, existem dois manuscritos (Codex Vaticanus e a Tradução Síria) que se referem “a Nínia e à igreja que se reúne na casa dela”.

Outro exemplo de tradução preconceituosa encontramos em Rm 16.7: A saudação ali é para Andrônico e Nínia, “apóstolos importantes”, como diz o texto. Acontece que, durante muito tempo, Nínia foi traduzida por Júnio, pois os tradutores não podiam aceitar que uma mulher recebesse esse título de apóstolo líder.

Em 1 Co 11.10, dentro da orientação de Paulo sobre a maneira como as mulheres deveriam apresentar-se, ao tomar a palavra nas celebrações, encontramos a frase: “Portanto, a mulher deve ter sobre a cabeça um sinal da sua autoridade por causa dos anjos”. A palavra autoridade, em grego “*exousia*”, foi traduzida por “dependência”

ou “submissão” em algumas versões. Poderíamos continuar com os exemplos, mas esses já são suficientes para que possamos perceber a necessidade de comparar as diferentes traduções e estudar muito bem antes de fazer afirmações que legitimam exclusões e opressão de homens sobre mulheres por causa de alguns textos bíblicos.

Nos evangelhos encontramos comentários muito rápidos sobre a participação ativa das mulheres no discipulado de iguais, organizado por Jesus (Mc 15.40-41; Lc 8.1-3) ou na liderança de algumas comunidades cristãs (Rm 16.1-2; At 16.13-15). Uma leitura bíblica a partir da ótica de gênero tem procurado mostrar a participação das mulheres no discipulado de iguais e sua importante atuação nas origens do cristianismo. Porém, como a redação da maioria dos textos do Novo Testamento aconteceu quando na sociedade grego-romana havia um forte processo de afirmação da autoridade do homem sobre a mulher, suspeitamos que a transmissão fiel das tradições sobre o movimento de Jesus e a vida das primeiras comunidades cristãs ficou bastante prejudicada.

Nos últimos anos, cada vez mais mulheres foram buscando aprofundamento nos estudos da Bíblia e constataram que temos testemunhos de mulheres que, com suas atitudes, questionavam estruturas de dominação e defendiam a vida do seu povo.

Proposta de estudo

1. “Nenhuma leitura, nenhuma interpretação de texto é neutra. Ela revela, antes de tudo, o que somos, como nos relacionamos, o que sentimos, qual o sentido da vida para nós. Uma leitura bíblica a partir de gênero tem como ponto de partida a maneira como experimentamos a realidade, seja como mulheres ou como homens. É a partir da nossa prática e, sobretudo, a partir das lutas das mulheres e dos homens pela libertação e por condições dignas de vida, que fazemos perguntas ao texto bíblico.” (Mercedes Lopes)

- Discutir esta afirmação e expressar quais são as motivações do seu grupo ao ler o texto bíblico escolhido ou indicado.

2. Para aprofundamento, propomos a leitura comparativa de Marcos 14.3-9; Mateus 26.6-13 e João 12.1-8. A partir da comparação, refletir acerca do que sabemos sobre esta mulher e sobre seu gesto. Qual é a imagem mais conhecida? Aquela na qual a mulher unge os pés de Jesus ou aquela em que ela unge a cabeça de Jesus e assume um gesto reservado aos sacerdotes da época? Por quê? Por que no texto do Evangelho de João a parte referente à memória da mulher não é mencionada?

São perguntas para as quais certamente não vamos encontrar uma resposta certa e única, mas podemos fazer tentativas de reconstrução, deixando claro o nosso propósito de permanecer fiéis ao Evangelho como boa notícia que liberta e reconhece diferenças, porém, que não estabelece hierarquias por causa de origem étnica, gênero, geração ou condição social.



Gênero e cotidiano comunitário na IECLB: Um desafio de todas as pessoas

Dra. Débora Erileia Pedrotti-Mansilla¹

“Enquanto houver alguém gritando no mundo, sejam mulheres, afrodescendentes, indígenas, pessoas discriminadas, sempre têm sentido, a partir da fé, falar e atuar de forma libertadora.” (Leonardo Boff, 2012)

A opção por começar este texto com uma frase do teólogo Leonardo Boff se deve ao fato de eu reconhecer nela a mesma intencionalidade e a coragem de Jesus Cristo, nosso maior exemplo de como caminharmos na construção do Reino de Deus na Terra.

O conceito de gênero tem sido discutido por muitos autores e autoras e aqui utilizamos aquele que encontramos no livro *A Questão de gênero no Brasil* (CEPIA; Banco Mundial, 2003), na sua Introdução feita por Jacqueline Pitanguya:

O conceito de gênero é uma construção sociológica relativamente recente, respondendo à necessidade de diferenciar o sexo biológico de sua tradução social em papéis sociais e expectativas de comportamentos femininos e masculinos, tradução esta demarcada pelas relações de poder entre homens e mulheres vigentes na sociedade.

A Bíblia nos traz exemplos de distinção entre os gêneros, inclusive das relações de poder existentes. Os relatos, em sua grande maioria, beneficiam os homens, porém temos que considerar o contexto social e a organização da sociedade pa-

triarcal daquela época. Mesmo naquele contexto, temos histórias de mulheres que são exemplos, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Se fôssemos dar exemplos de grandes líderes que aparecem na Bíblia, o gênero masculino seria beneficiado e, em menor número, teríamos mulheres líderes; mas o que realmente importa, é a quantidade ou o exemplo de Jesus de incluir todas as pessoas?

Guardadas as devidas proporções, ousar dizer que a Bíblia traz excelentes exemplos de homens e mulheres que contribuíram para a construção do Reino de Deus na Terra. E, nesse sentido, quando pensamos no cotidiano das nossas comunidades, temos que pensar na igualdade de homens e mulheres, respeitando as suas diferenças.

No Evangelho de Marcos 12.31-32, Jesus nos traz dois mandamentos *“Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. E, o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes.”* Tais mandamentos deixados por Cristo nos levam ao nosso maior desafio de vivência cristã na contemporaneidade: amar o próximo e a próxima. Este desafio nos impulsiona a promover ações que suscitem reflexões nas comunidades acerca da igualdade de gênero.

O desafio consiste em nos perguntarmos, como pessoas luteranas: enquanto Igreja, de que maneira temos testemunhado a questão da igualdade de gênero? Conversamos abertamente sobre as atrocidades sofridas por mulheres em nosso município e dentro da nossa própria comunidade? Como pessoas cristãs, temos sido exemplo de homens e mulheres que se respeitam

¹ Dra. Débora Erileia Pedrotti-Mansilla: doutorado em Ciências, mestrado em Educação, licenciatura em Ciências biológicas. SEDU/MT. Cuiabá/MT.

Bibliografia

BOFF, Leonardo. **Os intelectuais que têm algum sentido ético precisam falar sobre a Terra ameaçada.** Entrevista especial com Leonardo Boff. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/514475-deus-acredita-em-todos-os-seres-humanos-entrevista-especial-com-leonardo-boff>

BANCO MUNDIAL. **A Questão de gênero no Brasil.** Unidade de Gênero Departamento de Política Econômica e Redução de Pobreza Região da América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: CEPIA; Banco Mundial, 2003. Disponível em: <http://www.cepia.org.br/Textos_online/Questao_de_genero.pdf>. Acessado em: 20/11/2012.

e que respeitam as pessoas diferentes? Temos vivenciado os mandamentos deixados por Jesus?

Tenho a felicidade de ter conhecido fortes e excelentes exemplos de homem e mulher em minha formação pessoal e cristã. Meu pai José Pedrotti enfrentou de forma corajosa e destemida a Ditadura Militar instalada no Brasil em 1969. Certamente sua vida mudou em virtude da sua luta pelos direitos coletivos, pois em muitos momentos renunciou aos seus sonhos pessoais em busca da igualdade na sociedade. Dessa forma, sempre que se discute a questão de gênero, tenho o exemplo do meu pai e, assim, não há como não admirar os homens. Durante a ditadura, ele também teve que deixar sua terra natal e procurar outro lugar, onde pudesse viver e criar as suas quatro filhas. Nesse período, meu pai contou com o companheirismo de minha mãe Iris Pedrotti, que é um exemplo de fé na caminhada cristã e também para a história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Ela atuou no Presbitério da Comunidade de Cuiabá, no Sínodo do Mato Grosso e no Conselho Diretor da Igreja, tendo se tornado a primeira mulher a ocupar o cargo de Presidente do Concílio da IECLB. Esta caminhada de fé, certamente, contribuiu para que, junto ao meu pai, ela tivesse forças para suportar os difíceis momentos que passaram em virtude da escolha que fizeram. Assim, cotidianamente, minha mãe cuidou das filhas, da casa e ainda trabalhou como professora, numa tripla jornada de trabalho. Com este exemplo, não há como não admirar as mulheres.

A opção de minha mãe e de meu pai pela igualdade, liberdade e garantia dos direitos de todas as pessoas foi abençoada por Deus que esteve com ele e com ela em todos os momentos. Tenho, assim, o privilégio de ser fruto de um homem e de uma mulher que têm ideais, mas, acima de tudo, amor, fé e compromisso com a construção do Reino de Deus.

Quantas Iris e Josés não há na sociedade? Homens e mulheres que, no seu fazer diário, quaisquer que sejam e onde quer que estejam, buscam uma vida de paz, de igualdade, de respeito e de amor ao próximo e à próxima? São exemplos que devemos admirar e seguir.

Não adianta defendermos a igualdade de gênero somente nos documentos oficiais da Igreja, ela também tem que ser experimentada e vivida no planejamento e na comunhão das inúmeras comunidades da IECLB, de modo que o movimento pela igualdade de gênero vivenciado no interior das comunidades nos faça ser reconhecida como uma Igreja pautada no projeto de Deus.

Que sejamos exemplo e que Deus nos abençoe nessa caminhada que pode ser serenada pela palavra de Jesus. Que nosso existir seja ressignificado pelas lutas de homens e mulheres em favor de uma vida mais justa, solidária e com o desafio colocado a nós por Leonardo Boff (2012): *“nosso desafio não é o de criar cristãos, mas de criar pessoas honestas, humanas, solidárias, compassivas, respeitadas da natureza dos outros. Se conseguirmos isso é o sonho de Jesus realizado”*.



